

2 de Outubro de 1904

## „O Exemplo“

Foi no dia 5 de Outubro de 1902 que, impulsionados pela compreensão da necessidade da publicação de um jornal verdadeiramente defensor do Povo, iniciamos a publicação d'O Exemplo. Aparecendo então, foi o nosso artigo programma o seguinte:

«No seio de todos os povos existe um povo oprimido, um povo sacrificado, um povo escravo: é elle a victima do trabalho pela condição de pobre; a victima dos vicios pelo seu estado de ignorancia, a victima dos politicos e dos governos pelo servilismo herdado; a victima da justiça... convencional e da policia pelo seu estado de desamparo. Nós vimos em soccorro desta parte do povo, no meio em que vivemos; queremos ser o echo de seus justos reclamos.»

Este compromisso para nós é tamanho, exige uma luta tão ardua, que estamos convencidos que em nossa existencia nada mais temos feito do que demonstrar que temos vontade assaz para realizal-o embora nos faltando, como nos falta, a envergadura intellectual que elle exige para a sua completa consumação. Isto porém não nos desespera porque compenetrados os homens de que nossa luta é util, é necessaria, dentre elles não surgirão elementos intellectuaes de que carecemos.

Em nossa primeira phase combatemos, lutamos com duas grandes difficuldades, uma que nascia de nossa incompetencia, outra que era oriunda da falta de auxilio da maioria dos nossos; nesta segunda esta difficuldade si se não tem aplainado de todo, ao menos tem desaparecido com a aggregação de novos elementos que de nós se aproximam.

E para afirmar esta esperanza que bem pôde ser um estimulo para os que nos assim querem, é que fazemos nestas linhas referencia ao dia em que passará o 2.º anniversario do apparecimento deste pequenino jornal que é, segundo a expressão de um notavel homem de letras de nosso meio, «uma bandeirinha arvorada e tremulante no reducto de nossos direitos.

5 de Outubro

Quando, ha dous annos, a ideia da publicação d'O Exemplo reuniu um grupo de estorçados batalhadores, eu sabindo da penumbra do meu recolhimento, da obscuridade do claustro de minhas cogitações, onde me tinha encerrado, fui a primeira a saudar, desse mesmo logar, esse grupo de homens fortes pela tenacidade que iam tomar sobre os hombros o peso de uma tarefa tão ardua, que se atreviam a iniciar o percurso de uma estrada abrolhosa — a da conquista de um levantado ideal, que se arrojavam ao mais difficil commettimento — o de altear o estado moral e intellectual dos nossos, scientes de todas as decepções que lhes prepararia a fatuidade humana.

E assim foi: essa fatuidade recebeu-os por entre seu desagrado, sua má vontade, e tiveram de succumbir, embora ao cahir levassem alva a consciencia impolluta dos justos.

Como todos os phenomenos naturaes, que são sempre o resultado de uma serie de factos concorrentes á sua realisação, O Exemplo desapareceu em sua primeira phase, porque, atenta a circumstancia de que os factores de seu aniquillamento não tinham sido eliminados, o prolongamento de sua vida naquella meio era impossivel.

Ora, se houvesse a eliminacão da luta incruenta de paixões tredas e abafadas de-conjuncto com a má vontade e o cretinismo, não teriamos a lamentar a interrupção da publicação desse órgão, para o qual deveriam convergir todos os nossos esforços, pelo qual deveriamos envidar toda a nossa dedicacão, pois que elle achava-se «só» na defeza de nossa classe e no incitamento á illustração dos «nossos».

Porém, faltou a comprehensão desse dever; essa insaciavel sede de prazeres, essa febre egoistica que nos faz tombar na voragem de gozozos inconscientes, ainda não deixara a nossa geração comprehender o que são idéas alevantadas e generosas.

Deixemos, porém, o passado coberto pela expressa nuvem do esquecimento

Hoje, que a razão cobrou animo, hoje que, depois de um labutar constante, como de uma convalescencia mental, os nossos se erguem, e outra phase d'O Exemplo surgiu, a «Renascença» começa para nos fazer comprehender que desde então a obscuridade e os preconceitos vão perdendo terreno.

Felicito esta «Renascença» que se traduz na victoria que este 2.º anno de existencia d'O Exemplo traduz e envio d'aqui, do meu obscuro cantinho de inculca collaboradora, os agradecimentos a todos que o têm acompanhado nesse periodo, é a esse grupo de espiritos denodados, a essa legião de bravos e lutadores, a esse sublime quinqueviro de cujo talento, concurso e dedicacão espera este jorral o seu renome d'amanhã e venho trazer as minhas sinceras oblações que geneftuosa deposito no gazophylaceo de nossa, crença de nossa fé, como a segurança de minha maior dedicacão á causa santa que «O Exemplo» represente e defende.

Pepita.

## Liberdade profissional

III

Bem sei que o sr. dr. Duprat, não descerá da altura em que a vaidade humana o colloca, para vir ler n'O Exemplo, estes pobres rabiscos escriptos por um curandeiro, vulgar.

Porém, que importa?

Basta que os mesmos sejam lidos pelos espiritos saos e bem intencionados, de quem espero a sentença sobre a attitudde *audaciosa* que neste momento assumo.

Disse o sr. dr. Duprat que na Alemanha „ninguem pôde annuciar a cura radical de uma molestia reconhecida e incuravel, si não demonstrar a auctoridade competente que effectivamente descobriu o meio de realisar a cura promettida.

„Verificado o embuste, a auctoridade obriga a suppressão da falaciosa promessa, podendo, entretanto, continuar o interessado a annuciar que trata da molestia em questão.“

Si por aqui se uzasse o mesmo, s. s nas condições de qualquer *curandeiro*.

Não consta que o dr. Duprat tenha até esta data escripto em livro ou em jornaes, cousa alguma sobre cirurgia ou medicina, nem tão pouco descoberto algum medicamento, para a cura radical do *cancro*, da *syphilis*, da *scrophula*, *tuberculose*, ou de qualquer outra enfermidade.

S. s. limita-se a receitar para doentes seus atacados dessas enfermidades, os remedios já aconselhados pelos mestres, e os quaes chegam ás nossas mãos, por intermedio das revistas e dos formularios e tudo ou quasi tudo de procedencia estrangeira.

S. s. por felicidade da humanidade não é um innovador, senão no odiar os curandeiros, naturalmente, porque quando elles são encarregados de tratar de algum doente, procuram sempre e

com muito cuidado fazer o seu diagnostico, sem inventar molestias e dar nomes que muitas vezes nem os inventores sabem o que querem dizer.

Os *curandeiros*, pelos motivos obvios da perseguicão que lhes movem os senhores que passarão por uma academia, pela responsabilidade que sobre elles pesa são escrupulosissimas na investigação das molestias e cura dos seus doentes.

E isto os faz superiores a muitos senhores formados, e vamos, para o provar, ceder a palavra ao sr. dr. Theodoro Wisema. Assim falla o illustre homem de sciencia:

„O melhor medico não é aquelle que sabe mais, porquanto, por mais sabio que seja, isso nada vale.

„O melhor medico é aquelle que ama seus doentes e que delles tem compaixão.

„A este podemos cegamente confiar o cuidado de nossa vida, na certeza de que não virá experimentar em nós os remedios desconhecidos; que não nos operará sem necessidade; que não inventará doencas supplementares sob o pretexto de curar-nos das que soffremos.

„Este si, não sabe curar-nos, saberá ao menos soffrir conosco e consolar-nos“...

Pelo exposto vemos, pois, que não são os *curandeiros* os mais perigosos, e se estes merecem condemnação, diga-nos s. s., diga-nos os profanos da sciencia, que sentença se deve dar, a um *doutor*, que receita, *Ergotina de Bonjean*, a uma *parturiente*, para que esse medicamento faça *expellir a placenta que se acha a 24 horas retida no!!!*...

Que sentença merece este, então?

Ah! sr. dr. Duprat, não é preciso ser sabio para prestar á humanidade relevantes serviços.

No tempo do passado regimen existiam tambem medicos e pharmaceuticos, porém, licenciados, hoje não, existe a liberdade profissional de facto. E desse tempo, já apresento ao dr. Duprat — o *curandeiro* por excellencia o fínado Joaquim Alves de Souza, que, aqui nesta velha cidade nasceu e aqui morreu, cercado sempre da mesma confiança do povo, quer como medico, quer como pharmaceutico.

Durante o tempo que viveu o seu *Quinca da Botica*, como o povo o chamava, nunca doutor formado pôde clinica em Rio Pardo, porque sobre elle estava a competencia e a caridade do velho pratico.

Na capital do Estado ainda vive o sr. Carlos Eugenio du Pasquier, e não há em Porto Alegre, pharmaceuticos ou medicos, formados que sejam capazes de pôr em duvida a capacidade desse pratico, e até estou quasi jurando que o sr. dr. Duprat é um de tantos entusiastas e apologistas dos seus excellentes preparados.

Quem sabe? E' bem possivel que o *doutor* se soccorra assim do *leigo!*

Rio Pardo.

Lindolpho Ramos.

O homem de cor em particular e o proletario em geral que não prestigiar O Exemplo, que por partir do seu seio, é seu natural defensor, commette o assassinato de seus direitos e o suicidio de sua dignidade.

Homens de cor preta, quereis prestar um serviço consideravel a vossos similes os mais humildes, auxiliae-nos assignando O Exemplo que não é um jornal mercantil, mas o pequeno orgam de nossos interesses, o propagador incansavel do melhoramento moral e intellectual dos nossos e o advogado energico na defeza de nossos direitos.

## A bandeira

O mestre Eugenio, um velho alfaiate que conheci na minha meninice era, um bom homem, ninguém o poderá contestar, honesto a não poder ser mais em todos os seus actos, mas em tratando-se de seu officio, lá nisso sim, havia deliberações que não se podia infringir e elle não as infringia nem a mão dos deuses — Padre, Filho e Espirito Santo.

Quando apparecia algum freguez pretendendo que o bom mestre Eugenio lhe cortasse alguma fatiota e se propunha a dar-lhe a fazenda, era na certa ter de trazer mais meio metro de gazemira do que o necessario.

Ao bom velho doia em consciencia, doia um tanto estas cousas, mas, pensava elle, se assim não fizesse, dentro em pouco todos dariam nesta especulação de trazerem fazenda para o alfaiate cortar e não se poderia mais comer por outro carrinho.

Um bello dia, o Esperidião, que então era rapaz de vinte annos, foi ao velho perguntar quanto precisava de fazenda para cortar-lhe umas calças cor de flor d'alegrim, bocca de sino, que naquelle tempo estavam muito em moda.

O velho alfaiate, depois de uma longa e amavel conversa, e de ter fungado varias pitadas, começou de tirar a medida e depois de calcular quanto era preciso para as calças do meu amigo e um collecte que já lhe haviam encomendado e terminou dizendo solememente: — Um metro e meio basta desde que a gazemira seja bem larga.

— Daqui a uma hora eu trago-lhe a fazenda, disse o Esperidião, e quero as calças para domingo.

— Sim, sim freguezinho, apressou-se a dizer o mestre Eugenio com recio que a caça fugisse.

Nesta noite foi o nosso alfaiate deitar-se um pouco mais contente e, estirando o corpo sobre os alvos e frios lençoes, dizia: — O menino trouxe a fazenda... ah meu tempo! meu tempo!... nós eramos mais alhos... estes rapazes d'agora é só perfume, pomada e palavrório, mas não se sabem governar... é uma vergonha. Mas antes assim... se não fosse isso como me arranjaria pra fazer collete de Theodoro... — E foi adormecendo, brandamente, como um venturoso namorado.

Nada porém dura na vida, principalmente o que é bom: o mestre Eugenio que tão placidamente adormecera, foi, pelas avançadas horas da noite, victima de um pesadelo horrivel: viu todos os seus freguezes furiosos de punhos cerrados, tendo a frente o diabo que conduzia enorme bandeira de retalhos, em tacita manifestação de desagrado, arguirem-no dos furtos que lhes fizera e a cada arguição o diabo vergastar-lhe o resto com a enorme bandeira.

Quando, livre do pesadelo, acordou sobresaltado o mestre Eugenio teve vontade de jurar que nunca mais arranjaria retalhos para outra bandeira do diabo, porém, não sei porque, não o fez.

No dia seguinte, depois de uma noite de preocupações, descendo á officina, chamou o João e o Ignacio, dous aprendizes que tinha, e disse-lhes: — Meninos de hoje em diante toda vez que eu estiver arrumando uma obra e esquecer os retalhos voces gritem: «Olha a bandeira, mestre!»

— Sim senhor! repetiram os dous guris e olharam-se como quem dizia: — Estou bem capaz de dar o tostão e o domingo de descanso para saber o que isto significa.

Os rapazitos voltaram a sentar-se e o velho estendeu sobre a meza a fazen-

da do Esperidião; mediu-a de todas as formas, estudou o melhor meio de cortar as calças com a menor quantidade de fazenda e ao meio dia, tendo chamado a um dos aprendizes, poz-se a enrolar as calças, deixando de parte um grande retalho.

Os dous guris gritaram, a uma: — Olha a bandeira, mestre!  
O velho largou precipitadamente o embrulho do corte e voltando-se para o menino disse:

— Você vá lá na barbearia do pae daquelle moço que esteve aqui hontem... sabe onde é?

— Sei sim senhor, disse o rapaz.  
— Bem, vá lá e entregue este embrulho ao moço. E foi preparando novamente o embrulho sem o retalho.

Ao verem isto os guris repetiram: — Olha a bandeira, mestre!  
O velho largou novamente o embrulho, porem com ar de risivel enfado, e disse para o maior:

— Vá Ignacio, vá jantar!  
O rapaz não esperou que se repetisse a ordem e poz-se na rua ligeiro como um rato perseguido.

Depois o velho fazendo novamente o embrulho ia dizendo: — João você vá levar isto e vá jantar... — quando o guri grunhiu:

— Mestre, olha a bandeira!  
— Ora não amola, disse o velho resolutivo, na bandeira não tinha retalhos desta fazenda.

Bromas Junior.

## O Exemplo

Sobre nosso numero illustrado de 28 de Setembro, cuja trabalho lithographico é das officinas dos habéis artistas Minck & Robles, a imprensa diaria desta capital assim se manifestou:

«Recebemos o numero 33 do *Exemplo*, órgão do povo, que traz na sua primeira pagina o retrato do visconde do Rio Branco, nitidamente estampado.

«Além dessa significativa homenagem, o presente numero do *Exemplo* vem rico de artigos allusivos á data de hoje. «Agradecemos.»

(Da *Gazeta do Commercio*.)

«O nosso collega *O Exemplo*, dedicou a sua edição de hontem ao saudoso e eminente patricio José Maria da Silva Paranhos, Visconde do Rio Branco, cujo retrato estampou em sua pagina de honra, acompanhado de varios artigos respeitantes á *Tei do ventre livre* e ao seu inolvidavel autor.»

(Do *Jornal do Commercio*.)

«O *Exemplo* foi hontem distribuido em edição especial, commemorativa da data de 28 de setembro.

«Na sua pagina de honra, destaca-se um magnifico retrato do immortal visconde do Rio Branco.

«No texto, ha grande numero de artigos analogos á data commemorada.»

(Do *Correio do Povo*.)

«O *Exemplo*, distribuido hoje, commemorou a data de 28 de Setembro em uma edição especial.

«Em sua pagina de honra vê-se um bello retrato do benemerito José Maria da Silva Paranhos e nas demais artigos allusivos á aurea lei que libertou o ventre da mulher escrava.

«Agradecemos o exemplar que nos foi offerecido.»

(Do *Petit Jornal*.)

«O *Exemplo*, em seu numero de hoje, estampou o retrato do visconde do Rio Branco, como homenagem ao propagador da magna lei que libertou o ventre da mulher escrava no Brazil.»

(D'A *Federação*.)

Os nossos collegas semanaes assim se manifestaram:

«Commemorando o dia glorioso de 28 de Setembro, que immortalizou o patriota Visconde do Rio Branco, e fez livre o ventre da mulher escrava, o *Exemplo* estampou em sua pagina de honra o retrato do immortal patricio. «Além dessa homenagem, trouxe a

apreciada folha varios artigos allusivos á magestosa data.»

(D'O *Independente*.)

«O *Exemplo* publicação semanal, remetteu-nos um exemplar de sua edição especial de 28 de Setembro em que tinha estampado um bem acabado retrato do Visconde do Rio Branco.

Agradecemos.  
(Do *Koseritz Deutsche Zeitung*.)

## A Esperança

E' em vão me esbofar gritando: *alerta!*  
Não consigo acordar a sentinella,  
E frema das paixões trepa procella  
Que a misera, fatigada, não dispersa!

E o coração, este corneta alerta,  
Já toca a debandar, sem mais aquella!  
E foge um amor — a illusão mais bella!  
E só a roxa Saudade fica espertal!...

*Alerta! Alerta!*... E vão passando os  
anos,

E' em vão! Sempre o espaço o mesmo  
écho corta:  
Ninguem da fé a sentimentos insanos!

E do meu vai transpondo a porta  
O bando dos ferinos desenganos,  
Como se fora minha Esperança morta!  
Arcanio Carolino.

## Notas ao ar

«Ah... leitor. Bem dizia-me o amigo S. Pereira, que o Cangariano não deixa o pessoal cá da folha "pousar em ramos verdes" com as suas exigencias. Ora, depois de um engrossamento pede uma chronica!... ora, uma poesia!... e afinal de contas não se preoccupa com saber se o *cabra dá ou não*, para estas violencias.»

Pois até a mim elle obrigou a iniciar esta secção, que, estou convencido, será mesmo uma fabrica de *cacetadas*.

Eis o que vae para hoje:

— Na visinha villa de ... morava o Joquinha da Mandioca, um gatcho moçetão, mui valente, que por qualquer causa logo se alterava e brigava fosse até com o maior... frade de esquina!

Namorado ás devéras era o meu Mandioca. Nunca encontrou rival em sua epocha.

Um bello dia, meteu-se-lhe na cabeça de namorar uma beldade, que apesar de viver na roça tinha o seu preparinho intellectual e trouxe o meu *marreco* bastante caçado, porque o nosso homem para portal só necessitava ser *aplainado*.

A bella, como todas as outras que gostam de desfrutar a sua deliciosa juventude, fingiu-se enamorada do meu Jôca, fazendo o pobre diabo ficar doudo de amor.

Festejando ella, um bello dia as suas quinze primaveras, realistou uma festa intima, na qual compareceu tambem o celebre Joquinha que embriagado pela satisfação, já fingia-se dono da casa e queria ser o *mandão*.

Depois do appetitoso jantar, onde o meu caro Joquinha encheu o seu formidavel *patol*, teve começo a dança, havendo por esta occasião muitas cantigas, entre as quaes salientou-se o meu *gajo* que para estas causas sempre teve vocação, cantando ao lado da gaita as quadrinhas abaixo:

„Estô“ bastante „facero“  
„Cum“ este grande „jantá“  
„Dô viva“ ao dono da casa  
E a sua rica sinha.

Só sinto não „está“ aqui  
Junto „cum nós“ e a bella  
Minhã mãi „cá“ minha gaita  
E a minha irmã „cá della“.

Isto provocou immensa gargalhada. Mas, o Joca entendendo que todas as risotas eram o producto da belleza de seus versos, lembrou-se de por intermedio destes dar a conhecer á sua predilecta e aos paes da menina, tudo quanto possuía e *desengatilhou* com a voz de bezerro nos ouvidos dos convivas,

esta especialidade com que vou terminar a esta minha *cacetada*:

Já posso, eu me „casá“  
Pois tenho „propriedade“,  
„Pra butá“ numa carreta  
E „i vendê“ na cidade.

Tenho uma junta de „boi“  
E uma vaquinha mansa  
Tenho ja „novi gallinha“  
E faço „deis ca gausa“.

Janota.

O *Exemplo* é a voz do homem de côr preta e todos nós, os negros, temos como primeiro dever sustental-o a despeito de todos e de tudo, porque elle diz bem alto que não somos, como muitos querem, entes que somente nascemos para a passividade da obediencia incondicional e armazens de ignorancia, porem homens para agir e para pensar.



Quem vir esta interrogação ao alto ha de julgar que vamos tratar do espectáculo do Julio, porém enganar-se-á redondamente. Aqui trata-se de um apuro que eramos bem capazes de dar a alma ao diabo para resolvermos já.

Feste signal orthographico diz que necessitamos saber si Alexandre Fernandes e J. Barreto Aviz são dous corpos com uma só alma, duas cabeças com um só pensamento, ou si um delles é o alographo que disfarça o outro, ou ainda si ambos são bastidores atraz dos quaes se occulta um terceiro.

Quem nos responde?  
Alexandre Fernandes assignou uma poesia que J. Barreto Aviz já havia assignado e como nós que a achamos muito bella queremos enviar os cumprimentos ao autor desejamos saber qual dos dous o é, ou si esse é um terceiro.

Foi segunda-feira, pela tarde, que, lendo o *Petit Jornal* do dia, e que trazia no cabeço o numero 913, se nos depa-rou a poesia *Sempre a ti* que julgavamos de J. Barreto Aviz com o titulo *Minha filha* e assignada por Alexandre Fernandes.

Ficamos a principio sem saber bem qual dos dous era mais dono da cousa, depois vimos que o Fernandes tinha feito mais obra porque nas poesias abaixo transcriptas o Fernandes fez, e com mão de mestre mais uma quadra do que o Aviz, ou o Aviz perdeu um pedaço de sua obra; mas, na penultima quadra mais se nos assentou a duvida porque o Fernandes fez o *berço* e o Aviz *poz o berço* e dissemos de nós para nós

— Entre um que fez e um que *poz* nos parece que *poz* quem fez e não fez quem *poz*... mas o *Petit* que é bondoso nos allucinará a questão.

Abaixo transcrevemos as duas poesias (não obstante ser uma só), a publicada no referido jornal com a assignatura de Alexandre Fernandes e a outra que uma occasião nosso filho leu em casa no 2º livro do sr. Samorim de Andrade, e que está á pagina 101, com a assignatura de J. Barreto Aviz.

Do *Petit Jornal* de Porto Alegre — n.º 913 de 26 de Setembro de 1904.

## Minha filha

Deus disse á nuvem — vagueia,  
A' loura estrella — scintilla,  
A' onda — geme na areia,  
A' fria morte — anniquilla,

Ao Ser Humano — te eleva,  
A' natureza — produz;  
Formou a noite — da treva  
E fez a aurora — da luz

Fez de um sorriso — a creança,  
De uma lagrima — o ancão  
E de uma flor — a esperança  
E de um perfume — a illusão.

Fez de um espectro — o remorso,  
De uma harmonia — o ideal;  
Creou de um supremo esforço  
O coração maternal!

Fez de um sonho — a mocidade,  
Da primavera — uma flor;  
Tirou da neve — a saudade,  
De uma scintella — o amor.

«*Fez*» o berço — junto ao ninho,  
A cova — perto do nada;  
Deu azas — ao passarinho,  
Sorrisos — á madrugada.

E Deus, cujo olhar divino  
Na minh'alma existe e brilha,  
Pra noite do meu destino  
Fez-te tambem, minha filha!

Alexandre Fernandes.

Do segundo livro de leitura de Samorim Gustavo de Andrade (Pag. 101).

*Sempre a ti.*

Deus disse á nuvem — vagueira,  
A' loura estrella — scintilla!  
A' onda — geme na areia,  
A' fria morte — anniquilla

Ao ser humano — te eleva,  
A natureza — produz!  
Formou a noite — da treva.  
Creou a aurora — da luz!

Fez de um espectro — o remorso,  
De uma harmonia — o ideal!  
Creou, de um supremo esforço,  
O coração maternal!

Fez de um sonho — a mocidade,  
Da primavera uma flôr!  
Tirou do neve — a saudade,  
De uma scintella — o amor!

«*Pöz*» o berço — junto ao ninho,  
A cova — perto do nada!  
Deu azas — ao passarinho,  
Sorrisos — á madrugada!

E Deus, cujo olhar divino —  
Na minh'alma eu sinto e brilha,  
Pra noite do meu destino  
Fez-te tambem, minha filha!

J. Barreto Aviz.

## Disseste-o logo

O pai della — O rapaz então quer casar com a Joaquininha...

O velho amigo — Quer. Bebe os ares pela pequena. Diz que se não casar com ella, fura os miolos com uma bala.

O pai — Hum... Essas violencias não me agradam. Eu cá, quando me metti a gostar da Gertrudes, nunca pensei em furar miolos nem em furar coisa nenhuma. O moço é arrebatado.

O amigo — O amor é o diabo.

O pai — Qual nada! Mas, diz-me uma coisa: minha filha nunca escreveu cartas a elle?...

O amigo — Nunca. Encontraram-se num baile, dançaram-se num baile, dançaram, conversaram...

O pai — Bem. Enquanto a qualidades, que tal é?

O amigo — Parece-me que as tem excellentes. Ha tempos foi accusado...

O pai — Accusado? Hein?...

O amigo — Pezaram sobre elle graver accusações. Não te quero esconder coisa alguma. Não devo fazelo Accusaram-no de ter subtraído uma carteira...

O pai — Que me contas?

O amigo — Accusaram-no de ter falsificado a assignatura de um cheque...

O pai — Misericordia!

O amigo Accusaram-no tambem de ter tentado matar a mãe...

O pai — Lá delle! Basta. Não me digas mais. Muito me admira que tu sendo como és meu amigo, tenhas o descóco — direi apenas «o descóco» de...

O amigo — Espera, homem! Accusaram-no de tudo isso...

O pai — Achas que ainda é pouco?

O amigo — mas elle se defendeu brilhantemente...

O pai — Não quero saber de nada

O amigo — Eu, por exemplo, estou convencido de que a coisa não passo u

Remetta o jornal para a casa n.º  
da rua.....  
para o Sr.....  
que deseja ser incluído no rol dos  
assinantes a contar de..... de.....  
de 1904.  
(Assinatura de quem remette):

de obra vil de calumniadores infames.  
O pai — Nunca! Minha filha não  
será nunca a esposa de um batedor de  
carteiras.

O amigo — Perdão...  
O pai — ...de um falsificador de  
firmas...

O amigo — Não ha tal...  
O pai — ...de um filho que quiz  
matar a mãe... lá delle.

O amigo — Mas se eu estou a dizer  
que as acusações foram calumniosas.

O pai — Nunca darei minha filha  
a um scelerado, ou mesmo a um suposto  
scelerado.

Dize-lhe que pode arrebrantar os mio  
los quantas vezes quizer, que com a  
Joaquininha não casa.

O amigo — Olha que o rapaz não  
faz nada absolutamente do que o ac-  
cusaram.

O pai — Que não fizesse. Que não  
fizesse.

Basta que contra elle tenham sido  
levantadas acusações tão serias. A  
honra de um homem é coisa muito sa-  
grada. Não quero ver o meu nome  
ligado ao de um sujeito que foi acu-  
sado de tão horripáveis crimes.

O amigo — As taes acusações, ao  
que dizem pessoas fidedignas, nasceram  
de odio politico. Quando elle foi elei-  
to deputado...

O pai — Deputado? Pois elle foi  
deputado algum dia?

O amigo — Foi! E' deputado.  
O pai — (num grito de alegria) —  
é deputado?

O amigo (com espanto) — Sim.  
O pai — Porque não me disse logo?

Desde que o homem é deputado, as taes  
acusações não valem dois caracões.  
Concedo-lhe a mão da rapariga. E tra-  
ze-o cá amanhã para jantar.

J. Reporter

O' tu irmão, que te sentes victima de  
toda a prepotencia e de todas as injus-  
tiças, reflecte na necessidade que tens  
de quem te defenda, e prestige *O Exem-  
plo* que é a tua voz a erguer-se contra  
as iniquidades que te maltratam!

Notas semanaes

**Club Litterario Felix da  
Cunha.** — Deste Club cuja sede é  
em Villa Rica, recebemos uma circular  
solicitando a remessa do nosso jornal  
para a sua bibliotheca.

Será attendido.

**Jornaes.** — Temos recebido pon-  
tualmente as visitas das seguintes col-  
legas com quem permutamos:

*O Mundo Novo*, de Taquara; *O Tu-  
quaryense*, *O Arauto da Verdade*, *o  
Petit*, de Taquary; *O Tupacretan*, de  
Tupacretan; *O Echo da Serra*, da Cruz  
Alta; *A Semana*, do Herval; *O Bistury*,  
do Rio Grande; *O Arauto*, de Pelotas;  
*O Amigo do Povo* e *o Livre Pensador*,  
de S. Paulo.

**Liberdade profissional.** —  
Reproduzimos hoje o terceiro artigo  
desta serie, por ter sahido em nosso  
numero 32 com diversas incorrecções.

**Grande desordem.** Na noite  
de 30 do p. p., festejava o anniversario  
de sua esposa o sr. Palma Dias que re-  
ride á Travessa do Carmo n.º 19, quan-  
do, ás 2 horas da madrugada, recebeu  
a incommoda visita do sr. Francisco  
Garcia, acompanhado com o sr. Cotta,  
empregado no Arsenal de Guerra, am-  
bos um tanto alcoolizados.

De chegada foram dirigindo uma por-

ção de improprios aos convidados do sr.  
Palma Dias, o que resultou armar-se  
um *charivari* medonho, acabando-se o  
balle ao som das cacetadas acompaña-  
das da estridula gritaria de quem dava  
e apanhava.

E a todas estas a patrulha que tudo  
presenciou, limitou-se a mandar cada  
um para suas casas; indo um de cabe-  
ça quebrada, outros de vestidos rasga-  
dos e todos de roupas sujas.

Attribue o nosso informante a ne-  
nhuma providencia tomada no sentido  
de serem castigados os desordeiros, ao  
facto do sr. Garcia gritar alto e em bom  
som ser um inspector do 1.º posto.

Ah! se fossem *creoulos*, outro *galo  
cantaria*.

**Mez do Rosario.** A cerimonia  
religiosa que assim se denomina e é  
effectuada durante o mez de Outubro,  
começou hontem a realizar-se na capella  
do Sr. do Bomfim.

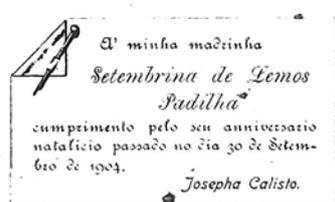
**Festa do Rosario.** — Hoje reali-  
sar-se-á a festa da N. S. do Rosario  
na matriz do mesmo nome, constando  
de missa solemne, ás 10<sup>1</sup>/<sub>2</sub> horas da  
manhã, com sermão ao evangelho pelo  
reverendo padre Costabile Hyppolito,  
procissão, ás 4 horas da tarde, a qual  
percorrerá as ruas Vigario José Igna-  
cio, General Victorino, Marechal Flo-  
riano, Duque de Caxias, Misericordia,  
praça D. Feliciano, Senhor dos Passos,  
Voluntarios da Patria, praça 15 de No-  
vembro e ruas Marechal Floriano, An-  
dradas e Vigario José Ignacio até á  
egreja.

A entrada da procissão será cantado  
um solemne „Te-Deum“.

No coro durante estes actos far-se-  
ão ouvir os côros Carlos Gomes e N.  
S. das Dores, que serão acompanhados  
pela orchestra do saudoso maestro Men-  
danha, sob a regencia do abalizado sr.  
Lourenço Cunha.

**Enfermos.** — Acha-se gravemente  
enfermo o menino Mario, primo do  
nosso amigo Theodoro de Oliveira.

**Revista do Sul.** — E' este o ti-  
tulo de uma publicação, que appareceu  
sob a direcção do proficiente artista sr.  
Carlos Reis, e que é consagrado á lit-  
teratura, as artes e a sciencia.



Calendario social

**C. D. da S. Floresta Aurora.**  
Conforme noticiaramos este centro dra-  
matico commemorou o anniversario de  
sua instalação, na noite de 28 de Setem-  
bro, com uma esplendida festa.

As 10 horas, estando o salão regor-  
gitando, de espectadores, levantado o  
panno, foi exposto um magnifico tropheu  
onde resaltava o retrato do grande pa-  
trio e eximio estadista Visconde do  
Rio Branco. Dentre o corpo scenico,  
collocado em alas, adiantou-se o sr. As-  
dhuma da Cunha e Silva, que recitou  
uma poesia analogá á daeta, e depois  
d. Marcolina Rodrigues, que pronunciou  
eloquente discurso.

Terminada a apothose foi novamente  
erguido e baixado por tres vezes o telão  
de bocca para o desenrolar das scenas  
do emocionante drama *A filha da Escrava*,  
cujo desempenho correu a contento ge-  
ral e no qual salientou-se o menino Ar-  
thur Torres.

**S. 28. de Setembro.** — Esta  
antiga sociedade commemorou a data da  
sanção da lei *Ventre livre* com um  
balle effectuado no salão da S. B. Bra-  
zeira União.

A festa foi iniciada pelo hymno da  
sociedade, cantado apoz a abertura da  
sessão.

Depois de cantado o hymno, o sr.  
João de Deus Lima, orador da commis-  
são da *S. Flór da Infancia*, o sr. Paul-  
lino de Souza Bastos, o sr. Benedicto  
Augusto Dias, o sr. Modesto Carlos dos

Santos e Mario Meirelles, fizeram uso  
da palavra.

O salão estava gostosamente ornado,  
tendo um bello tropheu ladeado pelo  
estandarte da sociedade e um indio.

A directoria eleita para o anno so-  
cial de Setembro de 1904 a Setembro  
de 1905, ficou assim constituída: presi-  
dente, Hortencia Crystalina; vice-presi-  
dente, Crystalina Gonçalves; secretaria,  
Marcolina da Conceição; thezoureira,  
Lucia Rodrigues; procuradora, Domín-  
gos dos Santos; directoras, Antonio Ig-  
nacia de Oliveira, Romana Rodrigues,  
Joanna Alves, Hortencia de Barros, Eva  
Hygino, Rosa Hygino, Evaristo Ramos,  
Gabriela Veigas.

**Neo-nado.** — Ao nosso amigo Ce-  
zinio Deoclecio Corrêa e á sua esposa  
enviamos parabens pelo nascimento de  
seu querido Milton, no dia 27 de Setem-  
bro.

**Festa intima.** Por motivo de  
seu anniversario, foi a senhorita Liba-  
nia de Barros comprimentada festiva-  
mente por suas amigas e admiradoras  
na noite de 28 de Setembro, a cuja  
manifestação associaram-se os membros  
do Centro Recreativo.

O nosso amigo Candido Rodrigues foi  
alvo de significativa prova de apreço  
em que é tido no dia de seu anniver-  
sario, 28 de Setembro, pois o surpre-  
henderam seus amigos e admiradores  
com um mimo que levaram-lhe em manifes-  
tação.

**Festival.** Conforme noticiámos  
realisou-se no S. Pedro o festival or-  
ganisado pelo sympathico artista con-  
terraneo Julio de Oliveira, auxiliado  
pela talentosa actriz Zaira Tiozzo.

Deu começo ao spectaculo o hymno  
nacional, executado caprichosamente  
pela banda de musica da brigada mili-  
tar.

Em seguida fez-se ouvir em uma  
bella elocução um orador fuyente.

O desempenho do drama — ? de A.  
Dumas, esteve na altura dos credits  
que gosam os artistas e amadores que  
d'elle se encarregaram.

**Profraças.** — Fizeram annos:

A 28 de Setembro a exma. sra. d.  
Ritta da Conceição Guedes, digna e  
virtuosa esposa do sr. capitão Joaquim  
Guedes Piffo, escrivão do jury.

A 30 de Setembro, a exma. sra. d.  
Setembrina de Lemos Padilha digna  
esposa do nosso amigo Pedro José Pa-  
dilha.

A 1.º de Outubro, o intelligente e la-  
borioso artista typographo sr. Emilio  
Freitag empregado nas officinas de Gund-  
lach & Becker.

Faz annos hoje:  
A graciosa menina Nilla, filha do  
nosso amigo Tenente Modesto Carlos  
dos Santos.

A 3, a senhorita Maria Carmosina da  
Souza Marques estremecida filha do nosso  
amigo Tenente Lino de Souza Marques.

A 5, a exma. sra. d. Gabriela de Souza  
Marques virtuosa esposa do nosso amigo  
Tenente Lino de Souza Marques.

A 5 a sympathica menina Dorvalina,  
dilecta filha do sr. Procopio Paulino  
das Chagas.

Quebra cabeça

- A Borboleta  
2-2 — O calçado é um pedaço de scien-  
cia?  
1-2 — Não presta e anda esfarrapado  
este canalha.  
2-2 — Bella pessoa é este cavalheiro,  
Modesto.  
2-2 — O prefixo é delicado o superior.  
3-1 — Este homem além é um yaga-  
bundo.  
2<sup>1</sup>/<sub>2</sub> — 2<sup>1</sup>/<sub>2</sub> — Tem engenho o velho. talen-  
toso.  
Sota & Chacito  
2-2 — O rio tem animal em prepara-  
tivo.  
1-2 — No espaço ordena a mulher.  
Willi.

**Aviso**  
Tendo chegado ao nosso co-  
nhecimento que algum in-  
debitamente tem cobrado as-  
signaturas d'este jornal, pre-  
vinimos aos nossos assign-  
nantes que os cobradores  
desta folha na cidade são os  
srs. João Antonio Dias e Pe-  
dro Paulo de Barros e nos  
arrabalde os srs. Adalberto  
Rodrigues da Silva, Aristi-  
des José da Silva, Candido  
Rodrigues e José Ignacio  
Firmiano.  
Porto Alegre, 28 de Agosto  
de 1904.  
O administrador  
F. Eustachio

ANNUNCIOS

Agradecimento

O abaixo assignado Honorio do Nas-  
cimento Corrêa, official de pedreiro com  
20 annos de idade, morador nesta ca-  
pital a rua General Paranhos n. 98  
quando trebalhava nas obras de cons-  
trução do Palacio da Intendencia, teve  
a infelicidade de cair de um an-  
daime, causando-lhe a queda, uma en-  
fermidade na espinha, que a quatro  
annos entre dôres conservava-o cur-  
vado sem poder trabalhar.

Vindo a este estado o sr. José Silva;  
medico estabelecido á rua Riachuelo n.  
307 A, foi consultal-o e no curto es-  
paço de 6 dias, com 8 curativos acha-  
se completamente bom sem me dica-  
mento algum e caminhando sem diffi-  
culdade é prompto para trabalhar no-  
vamente e por ser, isso verdade  
publicamente agradecer a esse illustre  
cavalheiro, fazendo votos pela sua fe-  
licidade.

Porto Alegre, 23 de Setembro de  
1904.

Honorio do Nascimento Corrêa

Mercado

**Banca n. 1.** (primeira quem vem  
da banca do peixe). — Vende-se turubi,  
nogueira, baicuru, cascas, raizes e todas  
aservas medicinaes, colhidas na lua  
apropriada. Assim -como tem sempre  
mel de pau legitimo, tripas para lingui-  
ças e salames, mocotó limpo, proprio  
para ser preparado em casas de fami-  
lias.

Manoel Bento Rodrigues & Cia.

Casamento Civil

No escriptorio desta folha ha quem  
prepare mediante modica contribuição  
todo o processo e dê instrucções refe-  
rentes a divorcios, nullidades de casa-  
mentos etc.

Photographia Ferrari

Novidades illuminações  
photographicas pelo  
systema  
Radio Tinte

Trabalha sobre porcelana, seda, linho  
imitação a esmalte, proprio para  
medalhas, pregadores, etc.

Rua dos Andradas, 254

A casa — Ao n. 8

da rua da Olaria, com grande sorti-  
mento de moveis novos e usados, vende,  
por preços modicos, sobretudos, capas  
hespanholas, machinas de costura, livros,  
relogios, musicas instrumentadas para or-  
chestra e banda todo o utensilio do-  
mestico.

**Advogados**  
Dr. Andrade Neves  
e  
Osorio de Andrade Neves  
Escrptorio, RUBEN.  
Rua da Ladeira 35.